

A DIMENSÃO DA SUBJETIVIDADE NO PROCESSO DE TRABALHO: VISÃO ARENDTIANA

Maira Buss Thofehn^{*}
Simone Coelho Amestoy^{**}
Maria Tereza Leopardi^{***}

RESUMO

O presente estudo reflexivo tem o objetivo de desvelar o processo de trabalho na saúde, mediante a compreensão da condição humana de Hannah Arendt. Com vistas a clarear a dimensão da subjetividade, para o qual os profissionais da saúde, ao interagir com as pessoas que procuram por atendimento e cuidado, ao relacionar-se com os membros das equipes multiprofissionais, necessitam de um discurso e uma ação com base em idéias coerentes, flexíveis e multifacetadas. A filósofa Hannah Arendt defende essa opinião e, ainda, propõe um debate ético e político, que contribua para se pensar sobre os principais problemas e desafios de nosso tempo, que envolve a subjetividade, no estudo em questão, do sujeito-trabalhador. Politióloga, como preferia ser chamada, acreditava que frente aos temas e questões mais urgentes é necessário perceber o significado da história, restaurar a importância da amizade, reafirmar os laços de solidariedade e resgatar a dignidade política. Acreditamos que Arendt nos mostra uma possibilidade de transformação da realidade imposta pela sociedade, mediante a busca de alternativas de novas formas de ação e discurso, criando e redefinindo espaços no cenário da saúde, embasado no agir que é começar, no realizar e experimentar algo novo e diferente.

Palavras-chave: Processo de trabalho. Hannah Arendt. Subjetividade.

INTRODUÇÃO

A vida é o critério maior ao qual tudo mais se subordina e os interesses do ser humano e da comunidade são resolvidos a partir da vida individual ou da vida da espécie *como se fosse lógico e natural considerar a vida como o mais alto bem*.

Essa é a base da obra da filósofa que gostava de ser chamada de politióloga Hannah Arendt, por acreditar que não há uma lacuna radical entre filosofia e política, entre vida do espírito e o espaço da ação, a despeito da irredutibilidade de ambos⁽¹⁾. A partir de suas

idéias densas, profundas e multifacetadas, apresenta valiosas contribuições para pensar os principais problemas e desafios de nosso tempo.

Assim o ponto de partida está na clareza quanto aos aspectos que envolvem o ser humano e para Hannah Arendt uma das características da pessoa é o seu discurso, e sempre que a relevância do discurso entra em jogo, desencadeia uma questão política por definição. Pois é o discurso que faz do ser humano um ser político⁽²⁾.

Neste sentido, cabe aos profissionais de saúde contribuir, enquanto agente político, nas discussões que envolvem o seu processo de

* Enfermeira. Doutora em Filosofia da Enfermagem. Professora da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas.

** Enfermeira. Mestranda do curso de Pós-Graduação da Fundação Universidade do Rio Grande. Aluna do Curso de Pós-Graduação em Enfermagem com Ênfase em Terapia Intensiva do Hospital Moinhos de Vento/ POA.

*** Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Coordenadora do Curso de Enfermagem da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

trabalho, levando em consideração que suas ações, na maioria das vezes, ocorrem de forma coletiva, havendo a necessidade do envolvimento, de todos nos processos decisórios, para o desenvolvimento de cada ação particular. Respeitando essa linha de pensamento este estudo consiste numa reflexão a cerca da dimensão da subjetividade, com o objetivo de vislumbrar o processo de trabalho na saúde, a partir da compreensão quanto à condição humana de Hannah Arendt. Na tentativa de tornar a dimensão subjetiva do processo de trabalho algo um pouco mais visível e perceptível.

Subjetividade e o Processo de Trabalho

Essa teia de relações nos encaminha para a dimensão da subjetividade, a qual é uma tentativa de compreender o ser humano inserido num contexto social, familiar e seu enfrentamento junto às situações problemas e frente as suas próprias limitações.

Portanto, a dimensão da subjetividade corresponde a um processo complexo, já que vai além do entendimento das propriedades individuais, pois coloca a pessoa junto à instância coletiva, social e histórica. Assim a complexidade encontra-se, também, no fato da construção simbólica e imaginária da pessoa consigo mesma e com o mundo⁽³⁾.

Desta forma, Hannah Arendt, nos auxilia no desenvolvimento da dimensão da subjetividade no trabalho, pois preconiza que o foco central no entendimento do ser humano, na contemporaneidade, está na compreensão de que é um ser em desintegração, devido à confusão causada pela modernidade. Com o surgimento das relações sociais, acabam as particularidades individuais e a vontade de se distinguir e de se individualizar, já que a ênfase está na unificação e, simultaneamente, na variedade e particularidades de vários mundos. O que determina a criação e redefinição de espaços públicos voltados para ação e o discurso, pois, apesar deste cenário, Arendt acredita que agir é começar, criar algo novo, experimentar, mesmo sem contar com um suporte institucional⁽⁴⁾.

Assim é possível identificar que os seres humanos modernos foram arremessados para

dentro de si mesmos, em virtude da incerteza da existência de um mundo futuro. As capacidades superiores dos seres humanos não tinham valor para relacionar a vida individual à vida da espécie; a vida individual tornara-se parte do processo vital, e a única coisa necessária era “laborar”, isto é, garantir a continuidade da vida de cada um e de sua família⁽²⁾.

Desta forma, originou-se a principal característica do mundo moderno, ou seja, a alienação e Arendt constata que a era moderna – que teve início com um surto tão promissor e tão sem precedentes de atividade humana – venha a terminar na passividade mais mortal e estéril que a história jamais conheceu, reconhecendo a necessidade de chegar-se a uma ciência universal, ou seja, comprometida com a vida como um todo, inclusive questionando seus próprios pressupostos e verdades⁽²⁾.

Mesmo que possamos estar vivendo uma era de mudança paradigmática, detecta-se, porém, que, infelizmente, o ser humano está aprisionado em sua própria mente, fundamentalmente, no sistema social, nas limitações das configurações sócio-culturais e espirituais que ele mesmo criou. O primeiro passo para o rompimento deste estado de estagnação e alienação encontra-se no entendimento histórico da condição humana.

As idéias de Arendt contribuem, ao apresentar sua concepção de “vita activa”, que deriva da “vita contemplativa”, e designa o empenho ativo da vida humana em fazer algo, tendo como raízes o mundo e as ações, quando são realizadas pelos próprios seres humanos, e seu objetivo final é a riqueza crescente, a abundância e a felicidade da maioria.

Portanto, a “vita activa”, é composta por três atividades que considera essenciais para a compreensão do ser humano: o labor, o trabalho e a ação. Por labor, entende-se o processo biológico do corpo humano; a condição humana do labor é a própria vida, e este assegura, além da sobrevivência do indivíduo, também a vida da espécie. O labor obedece às ordens das necessidades imediatas do corpo. Na visão de Marx, segundo a autora, o labor constitui-se na suprema capacidade humana de construção do mundo, a mais natural e a menos mundana das atividades do ser humano⁽⁵⁾.

O trabalho, na perspectiva arendtiana, significa o artificialismo da existência humana e a condição humana do trabalho é a mundanidade. Assim, o trabalho, ou seja, é a supervalorização dos hábitos e sistemas que somente busquem satisfação material. Corresponde ao processo de crescimento e declínio do mundo, mas possui uma característica em comum com o processo biológico, pois ambos fazem parte do movimento cíclico da natureza; desta forma, é infinitamente repetitivo, porém o labor não tem qualquer começo ou fim propriamente dito; encontramos o processo do labor movendo-se sempre no mesmo círculo prescrito pelo processo biológico do organismo vivo. Já a característica principal do processo de trabalho está no seu término, quando o produto está acabado, pronto para ser acrescentado ao mundo comum das coisas.

Para a natureza, o trabalho, e não o labor, é destrutivo, pois o processo de trabalho extrai material da natureza, sem o devolver no curso do metabolismo natural do organismo vivo. Os resíduos do processo produtivo enquanto trabalho são, em geral, nocivos à natureza.

Cabe evidenciar que o conceito de processo surgiu na era moderna resultante da mudança do por que e do o que para o como, indicando que o objeto da ciência já não é a coisa eterna, já não é a natureza ou o universo, mas a história, como afirmado anteriormente, na qual o ser humano se apresenta em seu desenvolvimento social. E, se é da natureza do Ser apresentar-se e revelar-se, é da natureza do Processo permanecer invisível, algo cuja existência pode apenas ser inferida da presença de certos fenômenos⁽²⁾.

Inicialmente, o meio, o processo de produção era considerado mais importante que o fim, o produto acabado, pois o processo, mesmo desaparecendo na conclusão do produto, tinha sua relevância porque o antecedia. Em seguida, com as idéias cartesianas, houve uma mudança de mentalidade e, conseqüentemente, uma hipervalorização do produto, fazendo do processo um subproduto do trabalho. Esse fato é decorrente dos processos terem se restringido a guias das atividades práticas e, não as idéias, aos modelos e as formas das coisas serem criadas, além do

fato da razão humana só parecer adequada diante do resultado final – o produto.

Desta forma, fica evidente a dificuldade do resgate da subjetividade no trabalho, pois se encontra nas entrelinhas do próprio processo de trabalho e, atualmente, enquanto um subproduto, o processo não recebe a devida atenção e valorização. Frente a essa realidade o presente estudo tem o propósito de conscientizar os trabalhadores da saúde quanto a realidade vigente, junto ao significado e ao imaginário, inseridos no processo de trabalho em saúde, tanto para o próprio sujeito-trabalhador para a comunidade em geral. A conscientização busca, ainda, intervir durante o processo de trabalho na dimensão da subjetividade, especialmente, nas relações interpessoais, visando adequar e de certa forma garantir um produto final que satisfaça o ser humano, a família e a comunidade que necessitam e buscam por atendimento e cuidado. O produto final aqui é entendido como o corpo do ser humano modificado pela tarefa profissional dos trabalhadores da área da saúde.

Essa visão complexa sobre a finalidade do processo de trabalho, que além da realização de resultados pré-determinados, inclui a vida do trabalhador como meio para chegar à satisfação de suas necessidades e, também, a perspectiva de afirmação do ser humano no trabalho de forma integral e não-alienada, contrariando, de certa forma, a história, que tornou o trabalho um meio de exploração e não de desenvolvimento humano, tanto no sentido coletivo quanto individual.

A palavra trabalho tem origem no latim “tripalium” e refere-se, na história antiga, a meios de tortura usados para punir criminosos, associado a algo humilhante e desqualificante. Mesmo nas religiões cristãs, o trabalho esteve muito tempo ligado a castigo, em virtude do pecado.⁶ Esta definição etmológica é por demais conhecida traz à discussão pretendida, quanto a conotação perversa do sistema de produção capitalista. Cabe ressaltar, porém, que o termo trabalho possui muitas significações, muito embora, em sua grande maioria, acentuem-se os conteúdos de esforço repetitivo e rotineiro, sem liberdade, de resultado consumível e de incômodo inevitável⁽⁷⁾.

Percebemos que o conceito de trabalho nas organizações introduziu um estereótipo carregado das representações de sofrimento, violência física e psicológica, tédio e desespero, determinando nas pessoas uma relação de subordinação ao universo dos objetos-mercadorias e à racionalidade econômica⁽⁸⁾. O ser humano, hoje, apega-se à idéia de que o trabalho está ligado ao sofrimento dele decorrente, por um lado, e, por outro, busca incansavelmente a satisfação que pode conseguir por meio do consumo permitido com o salário⁽⁹⁾.

Cabe estar alerta para o fato de que as organizações retratam a própria contradição e, assim, reforçam essa concepção de perversidade, pois exigem um profissional combativo, individualista, agressivo e, ao mesmo tempo, ele precisa colaborar, ter um espírito de equipe. De forma ambivalente, em outros momentos, esperam que o indivíduo seja ousado, criativo, inovador, mas exigem que obedeça às regras, sem romper as tradições⁽¹⁰⁾.

Visando romper com essa idéia acerca do trabalho, Bom Sucesso indo de encontro ao agir transformador arendtiano, propõe um novo paradigma, o qual descaracteriza o fato do trabalho estar ligado aos aspectos desagradáveis, transformando o trabalhador em um sujeito que exerça suas atividades com cuidado, compromisso, esmero, capricho e sensibilidade, conceito amplamente estudado no marxismo moderno, retomando idéias do próprio Marx sobre a possibilidade de se pensar a sociedade sem o trabalho como contingência e obrigação. Poder-se-á, então, reconhecer no trabalho uma experiência saudável, de respeito, contribuindo para a qualidade de vida, enriquecedora, criadora e, uma busca pela dimensão estética.

Sob essa ótica emerge a necessidade do ser humano libertar-se da idéia tradicional do trabalho como dever ou obrigação e acredita que somente as pessoas capazes de associar diversas atividades, ou seja, trabalho, estudo, jogo, o qual é denominado por ele como “ócio criativo”, terão condições de acompanhar às mudanças presentes na contemporaneidade. O “ócio criativo” significa intensa atividade mental, em que o ócio não corresponde a não pensar, mas permite que nos sintamos fecundos,

livres, felizes, em crescimento, que nos enriquece e é nutrido por estímulos ideativos e pela interdisciplinaridade. Portanto, significa não pensar regras obrigatórias, não obedecer a trajetória da racionalidade e não ser assediado pela estruturação do tempo e do espaço⁽¹¹⁾. Desta forma, o foco central está na relação do modo de acontecer do ser humano e do modo como realiza sua prática profissional, por meio da cumplicidade consigo mesmo e com a sociedade. Ainda está na busca pela dimensão da subjetividade do trabalhador, ou seja, dos aspectos do imaginário que envolvem o simbólico, a fantasia, o desejo, as ansiedades, ao encontro dos sentimentos de aceitação, amizade, calor humano. O ser humano, ao sentir-se seguro, consegue repassar essa segurança nas relações com os outros, sendo possível manter o ambiente institucional como um local de realizações, de crescimento pessoal e, a partir daí, da interação com o coletivo.

Com vistas a subsidiar essa a concepção relacional, Arendt considera, além do labor e do trabalho, a ação como atividade essencial, para a compreensão do ser humano. Para ela, a ação é a única atividade exercida diretamente na relação entre as pessoas, na qual a condição humana refere-se à pluralidade, entendendo o discurso como um modo de manifestar o sentido, o significado das coisas, independente do preconceito das pessoas ou da utilidade que por ventura possuam. A pluralidade ocorre em função de sermos todos os mesmos, ou seja, seres humanos, porém, diferentes entre si, pois ninguém é igual a outra pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.

Na condição humana, a ação é a atividade mais relacionada ao nascimento, natalidade, pelo fato do recém-nascido possuir a capacidade de iniciar algo novo, de agir. O ser humano é capaz de realizar o infinitamente improvável, em virtude dessa capacidade de agir e, por ser singular, cada nascimento pode desencadear algo singularmente novo. Conseqüentemente, o agir produz alegria, prazer, divertimento, pois agindo reproduzimos a condição de nossa existência ou a possibilidade da criação de novas formas de existência⁽²⁾.

Cabe ressaltar que o nascimento, ocorre pela ação, isto é, a efetivação da condição

humana da natalidade, enquanto que o discurso corresponde à efetivação da condição humana da pluralidade, ou seja, do viver como ser distinto e singular entre iguais⁽⁴⁾.

A ação e o discurso são os únicos meios que os seres humanos dispõem para expressar sua interioridade, o “eu autêntico”, mostrar quem são, revelar suas identidades pessoais e singulares, mostrando sua essência atrás das aparências⁽⁴⁾. Aqui cabe uma ressalva quanto ao termo espírito, o qual na visão arendtiana se remete ao significado se revelar mediante as palavras, portanto é entendido como um infinito diálogo a partir do qual todas as coisas devem ser consideradas sob diversas perspectivas, e não, o espírito é a dimensão discursiva do significado, o falar ocorre mediante o sentido⁽¹²⁾.

Assim, é preciso ir em busca de alternativas de novas formas de discurso e ação, também no mundo do trabalho, pois de falas com significado e sentido para promoção de um agir transformador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo reflexivo pode despontar uma pequena parcela do que envolve a dimensão da subjetividade no processo de trabalho em saúde, e principalmente, a ponta do “iceberg” do pensamento de uma grande politóloga Hannah Arendt que de modo comprometido e corajoso não se esquivam em expressar e registrar suas idéias sobre os problemas e desafios de nosso tempo. Tornando possível, assim, repensar o saber e fazer na saúde.

Em suma sob a concepção arendtiana, a dimensão da subjetividade no processo de trabalho na saúde necessita visualizar e conscientizar a ruptura existente entre a realidade vigente e a tradição, de modo a buscar um pensamento que direcione para um novo caminho, ou seja, que ligue o passado e o futuro com vistas a recuperar a importância da amizade, da solidariedade, do valor da política, compreendida como uma forma de proporcionar liberdade, pela constante possibilidade de repensar o contexto social-histórico. Além de indicar uma direção, baseada em esperança e redenção, iluminando esses tempos sombrios, no qual estamos inseridos.

THE SUBJECTIVITY DIMENSION IN THE WORKING PROCESS: AN ARENDTIAN VIEW

ABSTRACT

The present reflexive study aims to reveal the health working process, through the understanding of human condition by Hannah Arendt. Intending to clear up the dimension of subjectivity, in which the health professionals – while interacting with people looking for care, and relating themselves to multiprofessional staff members – need a discourse and an action based on coherent, flexible and multifaced ideas. The philosopher Hannah Arendt supports this opinion and, additionally, proposes an ethical and political debate that contributes for us to think about the main problems and challenges of our time, which involves subjectivity, in the study in question, of the worker-subject. A politologist, as she prefers to be named, she believes that in face of the most urgent issues and questions, we must notice the meaning of history, restore the importance of friendship, reassure the bonds of solidarity and rescue political dignity. We believe Arendt shows us a possibility of changing the reality imposed by society, through the search of alternatives of new forms of action and discourse, creating and redefining spaces in the health scenery, based on the action that is to begin, on the carrying out and trying something new and different.

Key words: Working process. Hanna Arendt. Subjectivity.

LA DIMENSIÓN DE LA SUBJETIVIDAD EN EL PROCESO DE TRABAJO: VISIÓN ARENDTIANA**RESUMEN**

El presente estudio reflexivo busca desvelar el proceso de trabajo en la salud, mediante la comprensión de la condición humana de Hannah Arendt. Tiene la intención de aclarar la dimensión de la subjetividad, en la cual los profesionales de salud - al interactuar con las personas que buscan por atención y cuidado, y al relacionarse con los miembros de los equipos multiprofesionales – necesitan un discurso y una acción con base en ideas coherentes, flexibles y polifacéticas. La filósofa Hannah Arendt es quien defiende esa opinión y, aún, propone un debate ético y político, que contribuya para pensar sobre los principales problemas y desafíos de nuestro tiempo, que envuelve la subjetividad, en el estudio en cuestión, del sujeto trabajador. Politóloga, como prefería ser llamada, creía que frente a los temas y cuestiones más urgentes es necesario percibir el significado de la historia, restaurar la importancia de la amistad, reafirmar los lazos de solidaridad y rescatar la dignidad política. Creemos que Arendt nos muestra una posibilidad de transformación de la realidad impuesta por la sociedad, mediante la búsqueda de alternativas de nuevas formas de acción y discurso, creando y redefiniendo espacios en el escenario de la salud, basado en la acción que es comenzar, en el realizar y experimentar algo nuevo y diferente.

Palabras Clave: Proceso de trabajo. Hannah Arendt. Subjetividad.

REFERÊNCIAS

1. Correia A. Introdução. In: Correia A. Transpondo o abismo: Hannah Arendt entre a filosofia e a política. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2002.
2. Arendt H. A condição humana. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1997.
3. Veronese MV. Subjetividade, trabalho e solidariedade. Aletheia. 2006; 24:105-13.
4. Ortega F. Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 2000.
5. Duarte A. Hannah, Arendt e a modernidade: esquecimento e redescoberta da política. In: Correia A. Introdução. In: Correia A. Transpondo o abismo: Hannah Arendt entre a filosofia e a política. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2002.
6. Bom Sucesso EP. Trabalho e qualidade de vida. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya;1998.
7. Lunardi VL, Lunardi Filho WD. O trabalho do enfermeiro no processo de viver e ser saudável. Texto & Contexto Enf. 1999; 8(1):13-30.
8. Chanlat JF. O indivíduo na organização. São Paulo: Atlas; 1996.
9. Leopardi MT. A vida do trabalhador como centralidade no trabalho. In: Leopardi MT. Processo de trabalho em saúde: organização e subjetividade. Florianópolis: UFSC; 1999.
10. Freitas ME. Contexto social e imaginário organizacional moderno. RAE. 2000; 40(2):6-15
11. De Masi D. O ócio criativo. Rio de Janeiro: Sextante; 2000.
12. Aguiar AO. O espectador como metáfora do filosofar em Hannah Arendt. In: Correia A. Introdução. In: Correia A. Transpondo o abismo: Hannah Arendt entre a filosofia e a política. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2002.

Endereço para correspondência: Maira Buss Thofehrn. Universidade Federal de Pelotas. Senador Mendonça, 50, 202. CEP: 96015-200. Pelotas - RS. E-mail: mairabt@ufpel.tche.br